



O ARTISTA-CURADOR: PROPOSTAS ALÉM DA CRIAÇÃO ESTÉTICO-CONCEITUAL

Eliane Carvalho Moura. UFPA

RESUMO: Neste trabalho apresentamos o artista-curador, artistas que trabalham com a organização de exposições, sejam estas de seu próprio trabalho, de outros artistas ou mesmo vinculados a instituições culturais e/ou educacionais – prática recorrente no cenário artístico de Belém do Pará. Conferimos em entrevistas as particularidades de artistas-curadores atuantes na cena local e nacional, que buscam outros modos, que não os tradicionais, de organizar as suas exposições.

Palavras-chave: Processo expositivo. Curadoria. Artista-curador.

ABSTRACT: *In this paper the artist-curator is presented. Artists who work with the organization of exhibitions, these being their own work, other artists or even linked to cultural institutions and/or educational works - common practice in the art scene of Belém do Pará. It was conferred in interviews the particularities of the active artist-curators in local and national scene, who seek for other ways, rather than the traditional, to organize their exhibitions.*

Key words: *Process exhibition; Curator; artist-curator.*

Com o avanço da pesquisa acerca das curadorias contemporâneas ocorridas em Belém, percebemos diversos casos de artistas que trabalham, (paralelamente à sua produção artística), com a organização de exposições, sejam estas de seu próprio trabalho, de outros artistas ou mesmo vinculados a instituições culturais e/ou educacionais. Verificamos que muitos artistas executam curadorias sem a pretensão de fama ou mesmo de enquadramento das exigências vigentes no mercado da arte atual; e o fazem, na grande maioria, por envolvimento com as questões acerca dos paradigmas atuais da arte. Esta relação, efetivada nos projetos de exposição, reforçam e assentam a ocorrência do *artista-curador*, que é peculiar nas montagens de exposições ocorridas na cidade.

As definições sobre o *ser* artista não encontram mais um sentido único. “Artista é um termo cujo sentido se sobre-compõe em múltiplas camadas” afirma Ricardo Basbaum (2005, s/p) e “ainda que seja escrito sempre da mesma maneira, possui diversos significados ao mesmo tempo”. As referências apontadas por

Basbaum (2005) indicam as múltiplas faces do artista contemporâneo e das relações que estes estabelecem em diversos campos de atuação.

O *artista* enquanto *curador* de exposições mantém uma relação particular nas curadorias que empreende; estabelece uma relação que atravessa o campo institucional e mercadológico sem se deixar contaminar por eles e revela, muitas vezes, novos diálogos atravessados por conceitos e pesquisa. Basbaum (2005, s/p) diz que “quando artistas realizam curadorias, não podem evitar a combinação de suas investigações artísticas com o projeto curatorial proposto”, sendo esta a potência de sua ação curatorial, já Orlando Manesch, artista e curador independente, acredita que:

Podemos separar nossas investigações, enquanto artistas, de nosso fazer curatorial. Por vezes, o trabalho como artista se dá em uma frequência e determinado projeto de curadoria ativa outra questão. A conduta ética nos possibilita lidar com isto como campos diferentes que nos complementam e enriquecem, enquanto sujeito. São possibilidades de experiências diferenciadas do indivíduo dentro do campo da arte¹.

Neste contexto, onde os papéis de artista e curador se atravessam e se complementam, observamos de forma recorrente artistas paraenses que executam curadorias e outros que de alguma forma já transitaram pelo campo curatorial. Esse papel, o de *artista-curador*, que se inscreve na Arte Contemporânea tem levantado diversas discussões a respeito da validade de suas ações e do trânsito entre produtor de arte e produtor de exposições.

Verificamos que em Belém os curadores que atuam nas exposições e Salões regionais, na grande maioria, são artistas. Dentre os *artistas-curadores* paraenses atuantes no cenário local e nacional podemos citar: Alexandre Sequeira, Armando Queiroz, Armando Sobral, Danielle Fonseca, Emanuel Franco, Guy Veloso, Jorge Eiró, Keyla Sobral, Mariano Klautau Filho, Miguel Chikaoka, Orlando Manesch, Valzeli Sampaio, dentre outros. No entanto, no sentido de exemplificar e de aprofundar o olhar sobre esse tipo de atuação nas ações curatoriais em Belém, nos deteremos na produção de Armando Queiroz e Orlando Manesch, ambos com propostas singulares de curadoria e que têm se debruçado sobre as questões políticas e sociais da Amazônia.

1 - Orlando Maneschy: constituição de territórios ao Outro

Maneschy iniciou sua carreira com artista em 1992, utilizando-se da imagem em diversos suportes como elemento de construção de seu discurso. Fotografias, vídeos, instalações são articulados em seus projetos para pensar as relações e questões do sujeito no contemporâneo. Sua postura agregadora e de ruptura de limites já era vista desde o início de sua carreira, o que mais tarde iria se refletir em suas demais atuações. Sua produção intercala diversos pontos de partida, já que é artista, pesquisador e curador. Perspectivas diferentes de olhar para um mesmo território: o da arte. Como curador, o início de suas atividades se deu nos anos 2000, fora do Pará, realizando curadoria sobre a Amazônia para o *Mês Internacional da Fotografia*, em São Paulo. Logo depois, faria o projeto, que para ele marcaria sua forma de trabalhar com arte: o *Projeto Correspondência* (2002 – 2008), proposição curatorial em que convida um grupo de artistas a pensarem obras que estariam juntas em uma caixa padrão de correio e seriam enviadas para um destinatário, suscitando uma resposta.

Em 2002, convidei artistas de procedências distintas, a pensar sobre o fluxo, sobre o espaço que se dá no trânsito, no ato de enviar e receber uma correspondência (...), nos desejos que este tipo de contato, de vinculação permite (...).² Cada artista fez uma obra em múltiplo de 50, o que totalizaram 50 caixas, cada uma contendo uma pequena mostra de arte brasileira que partia da ideia de um espaço intervalar, cheio de possibilidades³

Como *artista*, Maneschy instiga o público a refletir sobre seu papel no contexto da arte, como em seu projeto *Karaokê D'Or*, em que criou uma instalação performativa para o público, convocando-o a tornar-se agente ativo do projeto artístico, como analisa Herkenhoff:

O *Karaokê D'Or* de Orlando Maneschy excita a expressividade, abrindo espaço para a presença subjetiva do público na exposição. Se um karaokê é o território livre do Narciso solto, aqui também é o salto e risco dos Narcisos tímidos. É o lugar lúdico e democrático da expressão. Maneschy opera com um modelo de artista provedor de espaço de representação do Outro⁴.

Essa vontade de participação se materializa em suas proposições como *artista-curador*, bem como estimula o artista-pesquisador a constituir um campo de intensidade através de propostas densas, revelando assim a potência de suas curadorias. Maneschy constrói um campo de estímulo à produção reflexiva,

realizando proposições diferenciadas, misturando artistas de carreira assentada com jovens promessas, apostando em discussões atuais e experimentando processos de trabalho e de montagem, instigando a discussão crítica e um olhar mais politizado para a produção dos artistas sobre seu lugar no mundo.

Percebemos isto em 2007, quando realizou a curadoria e lançou o livro – fruto de suas pesquisas acerca da fotografia – *Sequestros: imagem na arte contemporânea paraense*, pela UFPA, em que sinalizou o fôlego da fotografia paraense no campo das artes visuais, revelando as fissuras presentes na tradicional fotografia da Amazônia, colocando lado a lado artistas de gerações e linguagens distintas, como Luiz Braga e Melissa Barbery.

Neste mesmo período editou o catálogo do projeto *Encruzilhadas*, mostra realizada com alunos e bolsistas da UFPA, de forma coletiva, como resultado das discussões promovidas através do Programa de Extensão Processos Artísticos e Curatoriais Contemporâneos, coordenado pelo próprio Maneschy. Essas mostras marcam o ambiente de diálogos empreendido por ele junto a jovens artistas paraenses e estudantes de artes visuais.

Em 2008, realizou a curadoria do projeto *Contiguidades: dos anos 1970 aos anos 2000*, junto com Marisa Mokarzel e Alexandre Sequeira, projeto idealizado por Herkenhoff e que levantou a produção de 40 anos da arte paraense. Por indicação de Herkenhoff, neste mesmo ano, passou a integrar a comissão curatorial do Projeto Arte Pará junto com Alexandre Sequeira e Emanuel Franco, seu trabalho como curador à frente do Salão, iniciou com mudanças na forma de inscrição: abrindo para análise de projetos na seleção, o que potencializou o acesso ao pensamento do artista, bem como realizou ações de interiorização, dando visibilidade à produção de artistas que trabalham em cidades do interior do estado e abrindo possibilidade para que projetos fossem realizados fora dos museus, favorecendo a experimentação. Este tipo de proposição, que avigora a pesquisa do artista e o caráter experimental, fortaleceu-se no ano seguinte, em 2009, com a curadoria da exposição *Extremos Convergentes* realizada para o Arte Pará, junto com Marisa Mokarzel, em que projetos de *site-specific* foram premiados.

Em 2010, realizou a curadoria *A Terra-treme, Treme Terra*, articulou questões políticas, do micro ao macro, atravessou questões indígenas, realizou a primeira exibição da fotógrafa Claudia Andujar⁵ na Amazônia, dentro do espaço do Museu Paraense Emilio Goeldi. Convidou Marisa Mokarzel para curar o artista convidado Armando Queiroz, resultando em um projeto que revelou um tipo de violência própria da região, como esclarece Maneschky:

Acredito que a construção curatorial é um processo complexo que articula amplas questões. Na minha experiência com o Projeto Arte Pará não havia apenas as demandas do projeto curatorial ou das relações internas com a instituição, mas as relações com os diversos museus, dirigentes e artistas. Eu penso que tudo, efetivamente tudo, é importante para o sucesso de uma curadoria; do entendimento do que ali será exibido por parte da equipe de montagem, até o fundamental papel do júri de seleção, que, de certa maneira, infere diferença na curadoria, tal qual o curador adjunto ou convidado para uma sala especial. Têm que ser pessoas com quem você dialogue, confie, troque. Assim, de certa forma, para mim, a curadoria de um salão é um exercício coletivo para o *outro*. Eu gosto de projetos em que eu tenha a liberdade de trabalhar com confiança, com pessoas com quem tenha franco diálogo e a possibilidade de construir um aprofundamento conceitual do projeto⁶.

Maneschky vem desenvolvendo projetos que levam a produção densa da região norte para outros lugares, como no projeto *Amazônia, a arte*, (Museu Vale - ES e Palácio das Artes – MG, 2010), *Tripé Jambú Político* (Sesc Pompéia – SP, 2011) e *Contra-Pensamento Selvagem* (dentro da mostra Caos e Efeito - Itaú-Cultural – SP, 2011), como co-curador junto a Paulo Herkenhoff, Clarissa Diniz e Cayo Honorato, apontada por muitos como uma das experiências mais radicais de curadoria da época.

Para o *artista-curador* este projeto curatorial reflete a forma na qual acredita, em que tudo foi conversado e negociando entre curadores e artistas de forma horizontal dissolvendo hierarquias, inclusive no processo de montagem, a despeito das inúmeras e complicadas negociações junto à instituição para a efetivação do projeto dentro do que curadoria e artistas desejavam.

Fricção. Para dividir o espaço entrecortado do Itaú Cultural, o primeiro critério foi o quantitativo. Assim, a mostra *Contra-pensamento Selvagem* - concebida por Herkenhoff - ocupa todo o piso do segundo subsolo, já que um dos pontos de partida dessa pensata sobre a arte brasileira é exatamente o de colocar em fricção uma série ampla de trabalhos. "Queríamos criar esse espaço tensionado, problematizado", explica Orlando Maneschky, um dos três co-curadores da mostra. Contrapondo-se, como diz o próprio título do núcleo, à visão eurocentrista de Claude Lévi-Strauss acerca da cultura dos trópicos, a proposta é dar continuidade à reflexão

iniciada por Herkenhoff na 24.^a Bienal de São Paulo acerca da questão da antropofagia, colocando destaque na diferença, na diversidade e na produção ativa realizada na região mais periférica do País.⁷



Imagem 1 e 2: *Contra-Pensamento Selvagem*. Itaú Cultural, São Paulo: 2011

Fonte: Acervo de imagens de O.Maneschy

Um dado particular é que, para a mostra, o grupo editou em fotocópia uma revista de livre reprodução *Contra-Pensamento Selvagem – Última – Nós Contemporâneos*, revista de Edson Barros, participante da exposição, que serviu como espaço de liberdade para os curadores apresentarem suas ideias sobre a exposição, apropriando-se de imagens dos artistas, fragmentos de textos, etc, subvertendo assim o rígido controle institucional. Orlando constrói em sua história um tipo de curadoria exemplar, fundado no estreito entrosamento com um fazer artístico comprometido com a arte.

2 – Armando Queiroz: politização do signo visual.

Armando Queiroz iniciou seu percurso artístico de maneira autodidata. Seu conhecimento acerca da arte foi construído através de leituras, experimentações, participações em oficinas, intercâmbios e seminários. Foi aluno do Curso de História da Universidade Federal do Pará – UFPA, o qual não chegou a concluir. Atualmente é aluno do Curso de Artes Visuais da Faculdade de Artes Visuais – FAV/UFPA.

Começou sua carreira de artista visual em 1993, no II Salão Paraense de Arte Contemporânea. Desde cedo associou sua produção a uma crítica que tangencia a história – até mesmo da arte – e a cultura, passando a mergulhar cada vez mais em motes que se referem, especialmente, às questões políticas e de violência presentes no cotidiano amazônico. Sua obra revela questões densas acerca das relações

estabelecidas desde o processo de colonização da Amazônia até as violências sofridas por seus habitantes no contemporâneo. Mostra-se, neste contexto, um artista preocupado com os episódios de conflitos históricos que fazem da sua região um campo aberto para discussões simbólicas.

Nos primeiros trabalhos, tão distintos dos atuais, já se percebe alguns pontos recorrentes nos quais se distingue o enfoque religioso, histórico, político e social que fornece a dimensão de um olhar crítico que, sem perder a perspectiva estética, se detém na complexa região [...] O artista locomove-se e se inter-relaciona com um território cujas nomeação e definição surgem com a força do imaginário nativo e estrangeiro. (MOKARZEL, 2011, p.37)

A produção artística de Armando Queiroz ganha contornos ainda mais politizados a partir da mostra itinerante da 3ª Edição do Prêmio Marcantonio Vilaça – Artes Plásticas, 2009/2010, com curadoria de Paulo Herkenhoff, com quem manteve um intenso contato, e segundo a pesquisadora Heldilene Reale (2011, p.46) “o processo de acompanhamento se reflete em uma orientação que gera reflexões, o que não significa apontar caminhos, e sim estimular pensamentos sobre a arte, sobre a vida, os contextos sociais e políticos”. O conjunto de obras selecionadas para a mostra revela um trabalho minucioso de pesquisa dentro da cultura amazônica e a constituição de uma cartografia das violências na região.

Percebi que, na realidade, estava constituindo o meu museu possível, o meu recorte de interesses. De como conseguia compreender a repercussão dos fatos que me cercam e dar sentido a eles. Um museu que dificilmente encontraria lugar em instituições oficializantes das verdades, que lidam com uma lógica que descarta a dúvida e a incerteza como confronto das afirmações absolutas.⁸



Imagem 3: Armando Queiroz, *Midas*, vídeo em loop, 9'59", 2009.

Fonte: Catálogo da mostra itinerante do Prêmio Marcantonio Vilaça, 2009/10

Segundo Herkenhoff, a arte de Queiroz “resiste ao historicismo positivista e também se opõe, pois, a uma noção universalista de história. Todo seu relato da violência na Amazônia organiza-se como ação experimental do presente.” (HERKENHOFF, 2011, p.20). Do mesmo modo suas curadorias também se revelam como cruzamento de experiências e pesquisa. Armando Queiroz, enquanto *artista-curador* demonstra um olhar preocupado com as questões da Amazônia, revelado tanto nas suas propostas artísticas quanto nos seus diálogos curatoriais.

A pesquisa acerca da história paraense – no campo da arte e da antropologia e no campo social – ampliado para a Amazônia, sempre fez parte do universo de Queiroz, deste envolvimento como pesquisador, surgiu em 2003, através de Marisa Mokarzel, o convite para integrar a equipe de pesquisa em Arte Contemporânea, do Sistema Integrado de Museus (SIM), naquela época dirigido por Rosângela Brito. Em depoimento, Queiroz declara: “A Marisa sempre percebeu que no meu fazer artístico a pesquisa estava presente como um dos eixos fundamentais a dar suporte à minha produção”⁹.

O trabalho desenvolvido pelo artista no SIM (Sistema Integrado de Museus), quando fez parte da equipe de documentação fotográfica dos acervos dos museus, proporcionou-lhe o acesso às diversas coleções, desde as de arqueologia do Museu do Forte, até a coleção de imagens do Museu de Arte Sacra. O ano de 2008 foi um período rico em aprendizagem, que mais tarde lhe rendeu o convite para assumir a Coordenação de Curadoria e Montagem do SIM. Seu envolvimento com este campo da arte já estava mais denso, não apenas como produtor de arte, mas também como curador. Paralelo a sua atuação no SIM, organizou diversas mostras de artistas na cidade de Belém.

Em 2009, Queiroz já contava com uma vasta experiência artística e algumas inserções significativas no campo curatorial. Sua entrada no panorama da curadoria nacional se deu com o convite do *Projeto Rumos – Itaú Cultural*, no qual não apenas fez assistência a Cristine Mello, mas construiu uma importante análise do momento histórico da Região Norte em um atento relatório que refletiu seu mergulho na região durante o processo de curadoria. Neste documento aponta a realidade de artistas da região Norte e revela como estes, mesmo com tantas dificuldades – sejam financeiras ou de circulação – continuam produzindo e discutindo seu papel de

produtores de bens simbólicos. O recorte dessa pesquisa se materializou na exposição *ESPAÇO EM RELAÇÃO: Fluidez e Simultaneidade*, realizada no Museu de Arte Moderna da Bahia - MAM-Bahia, no mesmo ano de 2009.

Em 2011, atuou como curador adjunto de Ricardo Resende no *Projeto Arte Pará 2011*, desenvolvendo não apenas a construção da mostra geral, como também a sensível e atenta sala *Ver-o-Peso*, uma das preferidas do público.

Ao todo, são mais de 50 artistas em uma mesma sala e travando o mesmo diálogo com a mesma intenção: mostrar que o *Ver-o-Peso* é um espaço que transcende o físico e que é sustentado, em especial no imaginário popular, por conta das relações humanas estabelecidas ali. “Foi uma exposição que acabou crescendo à medida em que o salão foi tomando corpo, as obras dos artistas selecionados e de artistas convidados se misturaram. O espaço ‘vazou’. É possível ver influências desses diálogos em outras mostras do *Arte Pará*”, explica Armando Queiroz.

Mesmo tendo uma história recente no campo curatorial, Armando Queiroz já imprime uma assinatura própria nas suas curadorias. Mantém um profícuo diálogo com curadores atuantes na cena local e nacional, como Marisa Mokarzel, Orlando Maneschy e Paulo Herkenhoff, reforçando que as trocas e contaminações são necessárias não apenas na produção artística, mas também na produção de pensamento e articulação de ideias reveladas em uma curadoria. “Esta movimentação para fora de si não deixa de ser uma condição do próprio exercício do gesto poético, que foge do loop narcísico e busca hospedagem no corpo do outro” (BASBAUM, 2001, p.236). A esse respeito Queiroz complementa:

Certamente nossas escolhas vão ao encontro daquilo que faz parte do nosso universo de interesse. Gosto muito de uma frase que atribuo à Cecília Meireles que diz: “Tudo que eu gosto é meu!” Penso que ela traduza meu sentimento de buscar compor uma trama de significados a partir daquilo que me move, que me provoca, que ativar minha capacidade de compreender o mundo. É tão prazeroso perceber na produção de um artista respostas e questionamentos que já estão fervilhando você! Multiplicar estas interconexões faz parte fundamental deste jogo de relações. E, sobretudo, estabelecer trocas: um ótimo antídoto para a auto-referência. Admiro muito também a experiência do curador Paulo Herkenhoff que nos ensina exemplarmente a estar sempre disposto ao novo, aquilo que ainda não conhecemos.¹⁰

3 - Diálogos confrontados

A partir das falas e experiências dos *artistas-curadores* Orlando Maneschy e Armando Queiroz, com trajetórias diferenciadas, tanto no campo artístico quanto no curatorial, percebemos em Maneschy uma postura diferente da observada em

Queiroz, no que tange o lugar do artista e o lugar do curador. Maneschy aponta que é possível a distinção entre o trabalho do artista e o fazer curatorial, já que para ele a pessoa que se propõe a curar exposições tem que saber lidar com questões de ética e, a partir das suas experiências, buscar outros caminhos que complementem e enriqueçam seu trabalho em curadoria. Enquanto que Queiroz nos aponta um caminho de maior fluidez entre as funções (*artista-curador/curador-artista*), no qual as trocas são partes fundamentais na multiplicação das interconexões efetivadas neste campo de atuação, aumentando as possibilidades de redefinição dos papéis, não que este prescindia da ética, mas Queiroz sente-se mais à vontade com a mistura dos papéis.

Para possibilitar melhor entendimento acerca das ideias e forma de trabalhos desses *artistas-curadores*, apresentaremos a seguir alguns trechos das entrevistas realizadas, no decorrer deste trabalho, que demonstram com clareza as sutilezas que permeiam a atuação desses personagens no cenário artístico Amazônico.

Entrevista com Armando Queiroz

Eliane Moura: Armando, hoje você transita por dois campos da arte: o campo artístico e o campo curatorial. Como se deu este processo na sua trajetória?

Armando Queiroz: *Bem, quase naturalmente estes dois campos foram se aproximando ao longo da minha trajetória. Se por um lado, minha condição de artista, abriu-me às portas do museu, mais recentemente minha experiência em museus acabou por introduzir-me no campo da curadoria, sempre num crescendo. Creio que estes campos foram alinhavados justamente pelo meu interesse pela pesquisa, e que trabalhar em museu integrou esses dois campos.*

EM: Dentro do meu trabalho você se revela como *artista-curador*. Você considera que o fato de ser artista contribui para a sua tarefa de curador? Por quê?

AQ: *Certamente, creio que é um canal a mais de relação com o artista. Até mesmo, talvez, a abordagem se estabeleça de forma diferente. Curioso pensar nisso, pois como meu envolvimento com a curadoria se deu de forma natural, meu maior parâmetro foi o contato que tive com curadores enquanto artista. Disso creio, provenha meu aprendizado e, sobretudo, o forte desejo de retribuir aquilo que recebi*

como artista. Aliado, é claro, à necessidade de preparo teórico e acúmulo de conhecimento. Minha experiência com curadores, no todo, sempre foi muito positiva. Nunca me senti invadido de forma acintosa. Toda entrada foi permitida e motivada, fruto de conquista e respeito mútuo. Sem criar uma via permanente de escuta, esta relação torna-se inviabilizada. Saber ouvir, saber falar, saber calar nos momento necessário, são exercícios do bom entendimento de ambos os lados.

EM: Uma das tarefas do curador é olhar uma produção artística e pensar em suas relações com o mundo. O fato de o senhor transitar por outros lugares e ter uma produção artística com teor político muito denso influencia de que maneira no seu olhar de curador?

AQ: *Todos nós, independentemente de nossa atividade profissional, carregamos nossa bagagem cultural e percepção de mundo, nossa formação. Creio que não seja diferente em relação ao exercício da curadoria. Certamente nossas escolhas vão ao encontro daquilo que faz parte do nosso universo de interesse. Gosto muito de uma frase que atribuo à Cecília Meireles que diz: “Tudo que eu gosto é meu!” Penso que ela traduza meu sentimento de buscar compor uma trama de significados a partir daquilo que me move, que me provoca, que atença minha capacidade de compreender o mundo. É tão prazeroso perceber na produção de um artista respostas e questionamentos que já estão fervilhando você! Multiplicar estas interconexões faz parte fundamental deste jogo de relações. E, sobretudo, estabelecer trocas: um ótimo antídoto para a auto-referência.*

EM: Existe alguma proposta curatorial que o senhor gostaria de realizar? Qual e por quê?

AQ: *Tenho como parceiros bem próximos: Mariza Mokarzel e Orlando Maneschy, com eles pretendo desenvolver alguns projetos curatoriais. O interessante desta proximidade é que, cada um de nós, ao configurar uma dupla, possibilita um recorte muito particular que, certamente, seria diferente da composição de outra dupla deste trio, pois respeitarmos nossos pontos de vista, nossa percepção de mundo. Respeito tão importante para complementaridade do pensamento do outro. Temos conversado bastante sobre essas possibilidades, creio que outras oportunidades virão em breve.*

EM: Houve alguma mudança no seu modo de pensar a arte após seu trabalho como curador? Operou alguma mudança no seu fazer artístico?

AQ: *Certamente, posso citar como exemplo o resultado da bolsa de pesquisa e criação artística que recebi do Prêmio CNI/SESI Marcantonio Vilaça 2008-2009, sob a orientação curatorial do crítico Paulo Herkenhoff. Ele me fez ver que eu estava construindo uma cartografia das violências na Amazônia. E ele realmente tinha razão. Percebi que na realidade estava constituindo o meu museu possível, o meu recorte de interesses. De como conseguia compreender a repercussão dos fatos que me cercam e dar sentido a eles. Um museu que dificilmente encontraria lugar em instituições oficializantes das verdades, que lidam com uma lógica que descarta a dúvida e a incerteza como confronto das afirmações absolutas.*

Entrevista com Orlando Maneschy

Eliane Moura: Hoje o senhor transita por dois campos da arte: o campo artístico e o campo curatorial, como se deu esse processo na sua trajetória?

Orlando Maneschy: *O campo curatorial também é artístico. Na verdade tudo começou com o IV Mês Internacional da Fotografia de São Paulo, em 2000, neste ano eu fiz a curadoria de uma exposição que foi: **Perspectivas Cinco Olhares da Amazônia** (Galeria Imágicas, São Paulo, 1999) a convite do Rubens Fernando Júnior. Depois veio o III Fórum de Pesquisa em Arte UFPA, **Entorno de Operações Mentais**. Que se dividiu em três mostras: **Entorno de Operações Mentais, Quase Pintura e Armando etc.**, a duas primeiras com curadoria feita por mim e a última com curadoria de Valzeli Sampaio. Mas depois disso, o interessante para mim, foi o Arte Pará. Acredito que meu papel neste Salão foi criar espaços para outras proposições de arte. [...] Em 2010, assumi a curadoria geral sozinho. Ao longo desses anos (2008, 2009 e 2010), criei um espaço para os jovens artistas se expressarem e fazerem proposições. Depois que eu assumi consegui fazer com que qualquer artista que se inscrevesse se sentisse livre para propor qualquer coisa. O Salão, de certa forma, é um lugar que você tem certa rigidez, então pensei em deixar o Salão mais mole, o mais maleável possível e aberto a proposições, dentro de uma estrutura tradicional, que é um Salão de Arte. Enfim, acho que esta é uma possibilidade, eu encaro a curadoria como um espaço de diálogo, um lugar de troca*

entre o curador e o artista ou entre as pessoas que estão ali dialogando. Acredito que tem que ser um espaço de prazer e de vida possível, para que você possa exercitar um diálogo.

EM: Na sua trajetória, além do trabalho como artista, vimos o trânsito por diversos campos da curadoria, tanto na curadoria mais aproximada do artista, como no caso da Melissa Barbery ou da Keyla Sobral, como também dentro das instituições fazendo curadorias independentes ou institucionais, nesses casos, existem diferenças que o senhor possa apontar?

OM: *Tem toda diferença, por exemplo, uma coisa que o Nelson Brissac, que foi meu professor de mestrado e é curador, sempre pontuava era que o papel do curador de projetos em grandes Instituições é um papel bem difícil, porque você vai negociar e nem sempre isso é fácil. É um exercício muito complexo e que é de certa forma, saboroso apesar de desgastante, porque é uma forma de você alargar os horizontes das Instituições. Agora o projeto independente é muito mais “relax”, porque você vai e faz o que quiser.*

EM: O fato do senhor também ser artista, contribui de que forma para o seu trabalho como curador?

OM: *Eu estava deixando de lado a minha profissão [como artista] em detrimento da curadoria, principalmente devido ao Arte Pará, alargar este espaço e deixar neste espaço uma ideia sólida para a Fundação [Romulo Maiorana] poder progredir e ampliar isto com outro curador que viesse. Comecei a retomar minha produção, pois em Belém eu não expunha em Belém desde 2005.*

EM: A ausência de um sistema completo de artes na cidade acabou fazendo com que a produção artística de Belém fosse diferenciada, mas também com alguns prejuízos, qual a sua opinião?

OM: *Acho que esta ausência de mercado faz com que os artistas procurem outra forma de sobreviver, empregos como professores, em museus, universidades, tentam achar outras saídas, formas de sobreviver dentro do seu universo. É difícil, às vezes, você não tem condições de fazer o que quer. Colocam a nós todos numa situação frágil.*

EM: E hoje, existe algum projeto que o senhor queira realizar e ainda não conseguiu?

OM: *Ah! Todos. Estou fazendo um livro do meu trabalho e que é fruto de um olhar, um pensamento sobre ele, então é quase uma auto curadoria, estou brincando, mas é um debruçar sobre a minha produção e deitar minha atenção para ela, coisa que nunca fiz e isto para mim é muito importante. Mas tem alguns outros, estou organizando um livro que parte da questão da utopia e tenho um projeto que não é para agora, um projeto que eu gostaria que fosse Bienal e que seria bem meu jeitinho, é coisa meio selvagem. Tem artistas que acredito, artistas que dão a cara à tapa, que se jogam nas coisas, que se arriscam. Então, seria um projeto bienal, só com artistas bem danados assim, é o que eu quero fazer.*

Acreditamos que a dupla experiência do *artista-curador* faz dele um articulador, que busca outros modos, que não os tradicionais, de organizar as suas exposições. As diferentes visões, demonstradas acima, acerca do modo de trabalho deste sujeito, não diminuem uma em detrimento da outra, apenas demonstram as diferentes articulações formadora das particularidades dos fazeres curatoriais.

Pensar o papel do *artista-curador* na Arte Contemporânea paraense ou mesmo amazônica, leva-nos a avaliar o lugar do artista, como ele tem se mostrado hoje, dentro desse “caos estruturado”, da bagunça conceitual e das contaminações, nos quais suas proposições artísticas são mediadas pelo curador, duas potências que se fundem e recriam este personagem contemporâneo atravessado de conceitos diversos e com proposições que vão além do estético-conceitual.

NOTAS

¹ Depoimento verbal do curador Orlando Maneschy. 10/10/2009.

² Texto retirado do convite da exposição realizada na Casa das Onze Janelas, Belém, 08/11 a 07/12/2008.

³ Depoimento verbal do curador Orlando Maneschy. 08/01/2011.

⁴ HERKENHOFF, Paulo. **Escritura**. In: Arte Pará 2006. (catálogo da 25ª edição). Belém: Fundação Romulo Maiorana, 2006, p. 74.

⁵ Claudia Andujar (Neuchâtel, Suíça 1931). Fotógrafa. Fonte: www.itaucultural.org.br

⁶ Depoimento verbal do curador Orlando Maneschy. 08/01/2011.

⁷ HIRSZMAN, Maria. estadão.com.br, 21/10/2011.

⁸ Entrevista concedida à autora via correio eletrônico, em 06/01/2012.

REFERÊNCIAS

BASBAUM, R. **Arte contemporânea brasileira: texturas, dicções, ficções, estratégias**. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos, 2001.

_____. **O Artista como Curador**, 2001. Pg. 235-240; In: FERREIRA, Glória [org.].

_____. **Amo os artistas-etc**. In: MOURA, Rodrigo [org.]. **Políticas institucionais, práticas curatoriais**. Belo Horizonte: Museu de Arte da Pampulha, 2005.

HERKENHOFF, Paulo. **Arte Pará 2005: sem barreiras para o conceito**. In: Arte Pará 2005 – Contemporâneo. Catálogo da Exposição – 24ª Edição. Belém: Fundação Rômulo Maiorana, 2005.

_____. **Escritura**. In: Arte Pará 2006. Catálogo da Exposição – 25ª Edição. Belém: Fundação Romulo Maiorana, 2006.

HERKENHOFF, Paulo; PEDROSA, Adriano. **O curador carioca**. In: Marcelina (antropofágica). Ano 1, Nº 1. São Paulo: Fasm, 2008.

HERKENHOFF, Paulo. **Armando Queiroz: o *angelus novus* e a história da violência na Amazônia**. 2011, p.20-25 In: Catálogo, Serviço Social da Indústria. Departamento Nacional. Prêmio CNI Sesi Macantônio Vilaça artes plásticas 2009/10: mostra itinerante. Brasília, 2011.

MANESCHY, Orlando (curadoria); HERKENHOFF, Paulo (consultoria). **Amazônia, a arte**. Rio de Janeiro: Imago, 2010.

MANESCHY, Orlando. Entrevista. Belém, 2012.

MOKARZEL, Marisa. Entrevista. Belém, 2012.

REALE, Heldilene Guerreiro. **Territórios de Memórias, Conflitos e Devorações: A poética de Armando Queiroz no Prêmio Marcantonio Vilaça (2009-2010)**/ Heldilene Gerreiro Reale; orientadora: Marisa Mokarzel. Belém, 2011

Eliane Carvalho Moura

Mestre em Artes pelo Instituto de Ciências da Arte da UFPA (2012). Graduação em Educação Artística - habilitação em Artes Plástica pela Universidade Federal do Pará (2008). Pesquisadora e artista, atualmente é gerente da Galeria Theodoro Braga, espaço expositivo da Fundação Cultural do Pará Tancredo Neves, atuando na produção e curadoria das exposições realizadas neste espaço, além dos projetos educativos e conservação de acervo.